ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf **HUGO CHERMAN** FONSECA DA SILVA AMARAL

A atuação política e estratégica da Rússia na preparação para o conflito com a Ucrânia

Rio de Janeiro
2023

Maj Inf HUGO **CHERMAN** FONSECA DA SILVA AMARAL

A atuação política e estratégica da Rússia na preparação para o conflito com a Ucrânia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: TC Art EDWARDO COELHO DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro
2023

S587a Silveira, Samuel Schilling da.

A Atuação da 17ª Brigada de Infantaria de Selva no Combate aos Ilícitos Transfronteiriços na Amazônia Ocidental. / Samuel Schilling da Silveira.—2022.
48 f.: il. ; 30 cm.

Orientação: Johnestown Haullinson Farias.
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) —Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2022.
Bibliografia: f. 44-48

1. Ilícitos Transfronteiriços 2. Faixa de Fronteira 3. Amazônia Ocidental 4. Brigada de Infantaria de Selva. I. Título.

CDD 355.4

Maj Inf **HUGO CHERMAN** FONSECA DA SILVA AMARAL

A atuação política e estratégica da Rússia na preparação para o conflito com a Ucrânia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Aprovado em _____.

COMISSÃO AVALIADORA

_____
TC EDWARDO COELHO DE OLIVEIRA - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

_____
Cel LEONARDO SANCHES SANTOS- Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

_____
Major JÚLIO CÉSAR MARTINS- Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

As minhas filhas Helena e Isabel Maria.

Obrigado por existirem em minha vida. Vocês são minha força. Meu motivo para lutar. Por vocês tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter feito em minha vida o que ninguém podia imaginar.

Aos meus pais Rosalina Isabel e Jorge Leonardo, meus irmãos Hannah Lara, Hygor e Hyago Cherman, Carolina e Késsia, meus avós Regina Estella, Lamartine e Maria Judite, vocês são minha família, meu suporte, a logística e a impulsão de minha vida.

À minha noiva Mariana pelo carinho, paciência, parceria em cada momento, pelo olhar e admiração que não me permitem cansar.

Ao meu orientador, TC Edwardo pela confiança e assertiva orientação em cada etapa deste trabalho.

Ao meu comandante Cel Sanches, pela orientação e amizade que me conduziram até aqui, “A Guarda morre, mas não se rende”.

Ao amigo 1º Tenente R2 Queiroz, que mesmo em campanha na Ucrânia se prontificou em dividir o olhar de um soldado de dentro da trincheira.

“Se é a paz do céu o que queremos, não nos esqueçamos: para a nossa condição decaída, o que Jesus primeiro veio trazer foi a espada. Da guerra contra nós mesmos depende tudo. Se perdermos essa luta, toda esta nossa vida não terá servido de nada.” (Padre Paulo Ricardo)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OCX	Organização de Cooperação de Xangai
CEI	Comunidade dos Estados Independentes
EUA	Estados Unidos das Américas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ONG	Organizações Não Governamentais
SUFGR	Sistema Unificado de Fornecimento de Gás Russo
ARE	Agência Russa de Energia

RESUMO

O presente trabalho abordará os movimentos estratégicos e políticos realizados pela Rússia em sua preparação para o conflito com a Ucrânia. Em fevereiro de 2022, surpreendendo a comunidade internacional, tropas russas cruzaram a fronteira da Ucrânia e avançaram em direção a Kiev dando início a guerra entre Rússia e Ucrânia. A surpresa do mundo levantou vários debates acerca do assunto, muitos acreditavam que a Rússia não fosse capaz de sustentar uma ofensiva convencional, outros permaneciam na expectativa de que grandes potências ocidentais intervissem militarmente no conflito, o que, pelo menos nos primeiros 18 meses de combate não ocorreu. Assim, o presente trabalho visa estudar como a Rússia se preparou estratégica e politicamente para conseguir sustentar esse combate, e como esses indícios deixados podem ser observados pelo brasil em seu entorno estratégico, evitando a ingenuidade geopolítica.

Palavras-chave: Rússia, Ucrânia; ações estratégicas, movimentos políticos, entorno estratégico geopolítica, ingenuidade geopolítica

ABSTRACT

This work will address the strategic and political moves made by Russia in its preparation for the conflict with Ukraine. In February 2022, surprising the international community, Russian troops crossed the Ukrainian border and advanced towards Kyiv, starting the war between Russia and Ukraine. The world's surprise raised several debates on the subject, many believed that Russia was not capable of sustaining a conventional offensive, others remained in the expectation that major Western powers would intervene militarily in the conflict, which, at least in the first 18 months of combat did not occur. Thus, the present work aims to study how Russia prepared itself strategically and politically to be able to sustain this fight, and how this evidence left behind can be observed by Brazil in its strategic surroundings, avoiding geopolitical naivety.

Keywords: Russia, Ukraine; strategic actions, political movements, geopolitical strategic environment, geopolitical ingenuity

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO** **9**

2. **METODOLOGIA** **12**

3. **CONFLITO RÚSSIA X UCRÂNIA** **14**

3.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS 14

3.2 ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA 18

3.3 INVASÃO RUSSA E O PRIMEIRO ANO DO CONFLITO 18

4. **MOVIMENTO POLÍTICO E ESTRATÉGICO RUSSO NA PREPARAÇÃO PARA O CONFLITO** **21**

4.1 O POSICIONAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO 21

4.2 MOVIMENTOS POLÍTICOS E ESTRATÉGICOS RUSSOS 23

4.2.1 **Fortalecimento da figura do líder e a adoção de narrativas acerca de defesa** **23**

4.2.2 **Apoio a grupos separatistas na Ucrânia** **26**

4.2.3 **Aproximação com a China e Fortalecimento de novos blocos e parcerias** **28**

4.2.4 **Controle estatal dos setores econômicos e** o **aumento da reserva de ouro** **30**

4.2.5 **Modernização e reequipagem das Forças Armadas** **32**

5. **CONCLUSÃO** **34**

REFERÊNCIAS **39**

1. INTRODUÇÃO

> A Rússia tem sido um ator dinâmico no cenário internacional, utilizando uma combinação de estratégias políticas, militares e econômicas para consolidar sua influência na região eurasiática. Suas ações moldaram o equilíbrio de poder na região e continuarão a desempenhar um papel significativo nas dinâmicas geopolíticas e econômicas no futuro. A história mostra mais uma vez que acontecimentos com grande relevância são precedidos por ações estratégicas pragmáticas com o propósito de assegurar territórios e povos. "A história deixa pegadas"! (RIBEIRO, 2023)

O presente trabalho tem o intuito identificar os movimentos políticos e estratégicos da Rússia, a partir da anexação da Criméia em 2014 que indicavam que ele estava se preparando para um conflito bélico. O conflito na Ucrânia iniciado em 2022 é reflexo do antagonismo entre este país e a Rússia e é derivado de uma série de eventos no campo político, militar, econômico e psicossocial que se agravaram a partir do início dos anos 2000. O início do conflito reascende em todo mundo o interesse e a atenção para o estudo bélico. (MOITA,2022)

Localizados na porção leste do continente Europeu, Rússia e Ucrânia fazem parte do “Heartland” proposto por JOHN MACKINDER (1904), esse teórico propunha que essa região da Eurásia seria fundamental para a manifestação do poder terrestre, e quem a dominasse dominaria o mundo. Nesse escopo, nota-se que ambos os países possuem vasta capacidade de recursos naturais, com rara capacidade de produção energética, além de possuírem posição geográfica estratégica possuindo acesso tanto ao restante do continente Europeu como a Ásia. Tais características, aguçam o olhar dos demais países para a região agravando o antagonismo entre os beligerantes.

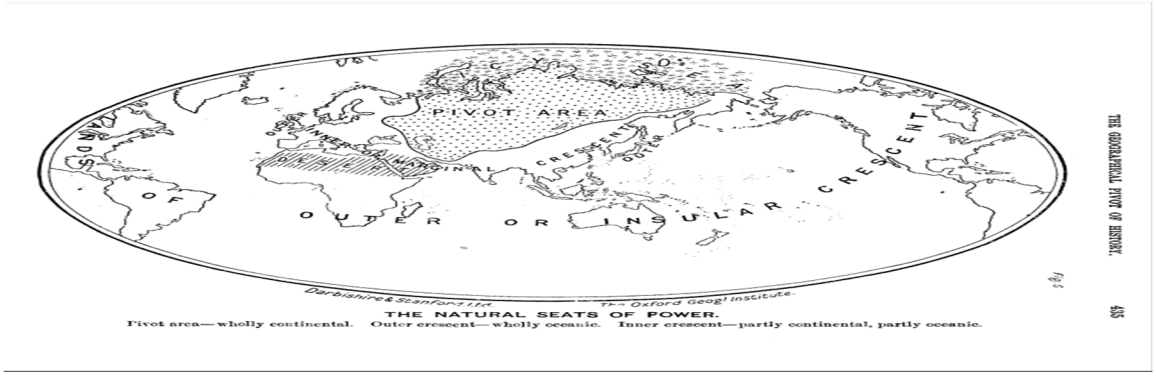
PIVOT AREA
OUTER OR INSULAR CRESCENT
THE NATURAL SEATS OF POWER.
Pivot area—wholly continental. Outer crescent—wholly oceanic. Inner crescent—partly continental, partly oceanic.

Figura 1 -Área Pivot segundo Mackinder.

Fonte: Mackinder (1904)

Além da localização geográfica, outro fator que contribuiu para o deflagrar do conflito foi o reflexo da evolução histórica de ambos os Estados. No início do século XX parte da Ucrânia, inclusive sua capital Kiev, fazia parte da Rússia. Em 1917 a revolução Bolchevique mudou a condução do Estado derrubando a monarquia conduzida pelos Romanov e dando início a um governo com viés ideológico de cunho comunista, o qual articulou a criação da União Soviética em 1922, da qual a Ucrânia fez parte até 1991. Com o fim da União Soviética em 1991, assim como os demais países que a compunham, a Ucrânia seguiu sua vida política sem a tutela e condução Russa, embora ainda sobre a influência deste. A Rússia, por sua vez, perdeu influência política nessa década, deixando de figurar como potência mundial no período.

Contudo, a ascensão de Vladimir Putin à presidência da Rússia no início dos anos 2000 reavivou o papel e a relevância da Rússia no cenário internacional. Em cerca de 20 anos os russos voltariam gradativamente a possuir relevância política no cenário mundial principalmente no campo militar e político, por meio da aproximação com a China, e econômico, particularmente pela vasta capacidade de produzir energia. No mesmo período, a Ucrânia aproximou-se cada vez mais da influência norte americana, afastando-se da influência russa, o que contribuiu para o surgimento do antagonismo entre as nações.

Nesse cenário, em 2014, a Rússia, buscando garantir objetivo geopolítico próprio, confrontou a Ucrânia e num rápido movimento militar anexou a região da Criméia ao seu território. Oito anos depois, em 2022, novamente a busca de seus interesses geopolíticos, os quais não são alvo desse estudo, bem como qualquer juízo de valor a respeito do conflito, a Rússia surpreendeu o mundo iniciou sua ofensiva em território ucraniano dando início a Guerra da Ucrânia.

Nesse escopo, entendendo que para a Rússia a decisão pela guerra não fora tomada de forma aleatória e sim planejada, este trabalho visa estudar as manobras políticas e estratégicas russas, nos anos que antecederam o início do conflito, bem como identificar os prováveis interesses geopolíticos do país, contribuindo assim, para a doutrina de defesa do Brasil.

Dessa feita, o referido estudo tem sua devida importância uma vez que nos encontramos num mundo volátil, incerto, complexo e ambíguo, o que nos leva a uma maior necessidade de atenção aos movimentos políticos e estratégico dos demais

países, em particular do nosso entorno estratégico. ara tanto, foram elencados alguns objetivos intermediários para conduzir o raciocínio ao entendimento dos movimentos políticos e estratégicos da Rússia, a partir da anexação da Criméia em 2014 que indicavam que ele estava se preparando para um conflito bélico, sendo:

a. Apresentar o conflito Rússia x Ucrânia;

b. Estudar os principais movimentos políticos e estratégicos russos na preparação para o conflito;

c. Concluir considerando a relevância desses movimentos para o Brasil e seu entorno estratégico.

Este estudo delimitou-se a analisar as manobras políticas e estratégicas realizadas pela Rússia a partir da anexação da Criméia (2014) até a invasão da Ucrânia (2022). Considerou-se a própria anexação da Criméia como sendo a primeira manobra política que dava indícios do conflito bélico e a invasão propriamente dita como sendo o estopim do mesmo, permitindo-se fazer uma análise dos resultados obtidos em Operações no período.

> Ninguém gosta de guerra, uns, porém, nascem para fazer a diferença, para defender pessoas. Essa satisfação vem antes do prazer de qualquer coisa. Agente enxerga o mal e se lança. Ninguém quer morrer, ninguém quer ser herói, mas se o mundo não estivesse ajudando a Ucrânia, hoje eles seriam escravos dos russos e sofreriam genocídio como sofreram por séculos (QUEIROZ,2023)

A importância deste trabalho deve-se ao entendimento de que, apesar da volatidade, da incerteza e da ambiguidade presentes no mundo hoje, nenhum Estado avança sobre o outro sem uma preparação anterior, por mais velada que esta seja. O conflito bélico exige da nação que o busca uma preparação que vai além da esfera militar, sendo executada principalmente na expressão política. Do lado oposto, verifica-se que historicamente as nações que de forma idealista negligenciaram movimentos de seus antagonistas foram subjugadas a vontade daquele. Nesse sentido, conhecer e identificar manobras políticas e estratégicas de um país na preparação para a guerra deve fazer parte do arcabouço de conhecimento de defesa Nacional, reforçando assim a relevância deste trabalho de conclusão de curso.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa fez uma abordagem qualitativa dos movimentos políticos e estratégicos realizadas pela Rússia a partir da anexação da Criméia em 2014. Quanto à natureza da pesquisa, buscou-se a do tipo aplicada, de forma que possam servir de subsídio para pesquisas futuras no que diz respeito ao estudo das políticas e estratégias de países de interesse brasileiro.

Quanto ao objetivo, este trabalho foi de caráter descritivo, uma vez que descreveu as mais relevantes ações realizadas pela Rússia no campo político no período delimitado. Referente aos procedimentos de pesquisa, o trabalho foi desenvolvido com base em bibliografias e documentos, que embasaram o presente estudo.

Esta pesquisa realizou o levantamento de dados por meio de pesquisa bibliográfica de literatura (livros, trabalhos acadêmicos, redes eletrônicas, etc.), além de documentos internos produzidos pelo Exército Brasileiro, em especial os produzidos pelo Observatório da Praia Vermelha e pelo Instituto Meira Mattos. As consultas foram baseadas nas principais fontes de pesquisa de trabalhos acadêmicos, como as plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo Biblioteca Digital do Exército e EB Revistas. Além dessas fontes, foi entrevistado o 1º Tenente R2 IVAN QUEIROZ KRUGER, especialista em segurança pública, que serviu o Exército Brasileiro entre os anos de 2007 e 2015 atuando na proteção da tríplice do Brasil com Colômbia e o Peru. Atualmente, Queiroz é voluntário no Exército ucraniano atuando na linha de frente contra a Rússia.

Os dados foram tratados por meio da observação das ações russas no período anterior ao conflito sendo essas destacadas de acordo com a repercussão que tiveram na sustentação do conflito pela Rússia. Assim, buscou-se relacionar aquilo que a Rússia executou no período estudado sem descartar que ações anteriores também foram pensadas nesse sentido, bem como, outras ações possam ter repercutido no combate sem que necessariamente tenham sido pensadas para tal.

O método foi limitado pelas pesquisas referentes as ações políticas e estratégicas russas no período compreendido entre a anexação da Criméia em 2014 e a invasão russa à Ucrânia em fevereiro de 2022. O método não abarca ações realizadas pelos demais países, ações do nível operacional e tático mesmo que realizadas pela Rússia, bem como ações políticas e estratégias apontadas como

russas, mas que não tenham sido realizadas por seu governo, ou que não tenham sido divulgadas e comprovadas, considerando a guerra informacional e de narrativas por trás do conflito.

3. CONFLITO RÚSSIA X UCRÂNIA

3.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

> Para se entender o presente da Rússia e poder inferir sobre os atuais fatos ocorridos, faz-se necessário o mergulho na história desse país. A Federação Russa é um país localizado no norte-nordeste da Eurásia, sendo o país mais extenso do mundo. A história russa inicia-se com os eslavos do Leste, que surgiram como um grupo étnico reconhecido na Europa entre os séculos III e VIII, passando pelas invasões mongóis, czarado e império, revolução bolchevista, União Soviética, queda do regime comunista, crises pós-desintegração até os dias atuais, diante da nova ordem mundial, que se desenhou a partir do início dos anos 2000. (BELMONTE, 2019).

No final do século IX na região onde hoje é a capital ucraniana foi criado o Principado de Kiev, sendo este o alicerce dos novos estados eslavos da Rússia, Bielorússia e Ucrânia. Segundo de Moraes em matéria publicada pela Folha de São Paulo em 2004, “a história da Ucrânia e a da Rússia se misturam em vários momentos desde a criação dos dois Estados. Para os russos, Kiev é o berço da Rússia moderna. Para os ucranianos, porém, a Rus de Kiev [...] a mãe da Rússia moderna, mas não se confunde com ela”. A raiz histórica, ampliada por uma profunda aproximação religiosa geraram nos Russos um peculiar sentimento de pertença sobre Kiev, o qual repercute até hoje na relação de autoridade entre os países. Em 998 Vladimir I, o monarca de Kiev, converteu-se a fé cristã ortodoxa, esse momento histórico, é referenciado por Vladimir Putin em declarações recentes: "Russos e ucranianos são um só povo, um único todo", demonstrando o entendimento russo acerca do povo ucraniano.

> Rússia e Ucrânia compartilham um ancestral cultural comum: a Rússia de Kiev, uma confederação de tribos eslavas da idade média que se estabeleceu no leste europeu. Após subsequente invasão mongol no século 13 e a conquista polonesa-lituana do território da atual Ucrânia, os dois povos passaram séculos separados até serem unificados pelo Império Russo entre os séculos 16 e 18. (Rússia e Ucrânia: um resumo da história e do conflito- NOVO”, [s.d.])

O último século de Czarado do Império Russo, ressalvadas suas peculiaridades, seguiu os ditames políticos e sociais temporais da Europa. Ao passo que durante o Século XVIII o mundo era contagiado com os reflexos da Revolução Francesa, os eslavos viram os ideais da revolução se manifestar de forma diferente e tardia em seu império.

Nesse século, em 1812, o então considerado invencível Exército Francês de Napoleão Bonaparte, marchou no sentido oeste-leste em direção a Rússia, a qual, por

meio de um emergente sentimento nacionalista que alcançava inclusive as cidades de Minsk e Kiev, conduziu uma Guerra patriótica que foi capaz de deter o imperador francês. A contenção russa expressou o alcance e a influência que seu imperador exercia sobre todo o território, mantendo a monarquia, e evidenciando a importância estratégica dos estados periféricos para a defesa da soberania Russa.

Em meados do século XVIII novo evento evidenciou o interesse russo em suas adjacências. Em 1852 a Rússia buscou ampliar sua influência avançando sobre a Península dos Balcãs entre o Mar Negro e o Mar Mediterrâneo. A manobra militar foi subsidiada por uma justificativa no campo psicossocial: o czar Nicolau I se declarou protetor dos cristãos ortodoxos e de Jerusalém, à época dominado pelos Otomanos. Percebendo o avanço russo, França e Reino Unido se mobilizaram num contraponto a invasão, dando início a um conflito que culminou com a invasão dos aliados à Península da Criméia, onde a Rússia mantinha seu principal acesso ao Mar Negro. O conflito militar se encerrou após tratativas e a devolução de terrenos conquistados pela Rússia no Balcãs com a promessa de que os eslavos não avançariam mais na região. A contrapartida dos aliados foi a devolução da Criméia ao controle do Império Russo ficando esse, contudo, proibido de manter bases e Forças Navais no Mar Negro, o que contribuiu para a relativa queda da influência russa na região.

Finalmente, no início do século XX os reflexos da Revolução Francesa se manifestaram de forma contundente no Império. Apenas em 1905, numa tentativa derradeira de sustentar seu czarado, Nicolau II permitiu a organização de um parlamento russo, a Duma. A ação política do czar não foi capaz de sustentar o império que a essa altura já possuía uma classe política revolta influenciada pelos pensamentos Marxista.

O colapso do Império Russo ocorreu na revolução de 1917, o imperador deixou o poder dando lugar a um governo provisório. Em 1922, Vladimir Lenin reuniu uma série de repúblicas, entre elas a Ucrânia, sob a sua tutela em Moscou, dando origem à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Deve-se destacar o período ditatorial de Joseph Stalin. Sob a condução Stalinista, os ucranianos vivenciaram o Holomodor, a grande fome dos anos de 1930, que dizimou mais de 20% de sua população. (“Rússia e Ucrânia: um resumo da

história e do conflito" – NOVO). Em 1954, Nikita Khrushchov, líder da URSS, em uma manobra política, transferiu o controle da península da Crimeia da República Socialista Federada Soviética da Rússia, para passar a integrar a República Socialista Soviética da Ucrânia.

O fracasso do comunismo expressado em uma série de acontecimentos históricos no final do século XX também repercutiu na relação de Ucrânia e Rússia. Em 1991, o colapso da União Soviética resultou na independência das repúblicas e a compunham. Com políticas insipientes nos primeiros anos os Estados recém independentes permaneceram ainda sob a tutela, mesmo que indireta da Rússia, todavia ela já não possuía braços para gerenciar de forma contundente seus antigos satélites.

> Com o fim da União Soviética, a Ucrânia herdou parte significativa do seu poder de combate. Segundo Cirincione, Wolfsthal e Rajkumar (2005, p. 378-379), "a Ucrânia possuía o terceiro maior arsenal nuclear do mundo." (KONRAD; LOURENÇÃO, 2019)

Outro antecedente a se destacar foi a assinatura do Memorando de Budapeste, em 1994, por meio do qual, a Ucrânia decidiu entregar à Rússia seu arsenal nuclear, sob a promessa de que jamais teria seu território violado por Moscou. O reflexo do evento se evidencia na desproporcionalidade em que o conflito atual se conduz, onde os ucranianos vivem sob constante ameaça de ataque nuclear por parte da Rússia sem possuir meios para se contrapor o mesmo. Nesse sentido, em que se pese estar fora da linha temporal em estudo nesse trabalho, há uma clara manobra política Russa em preparação para o conflito, à época possivelmente não previsto, contra a Ucrânia.

A sequência dos anos 90 foi caracterizado por certa displicência russa em relação à suas antigas Repúblicas. Economicamente enfraquecido, com uma defasagem tecnológica em relação a outras potências, Moscou concentrava sua força em sua reorganização, enquanto cada vez mais ocorria um movimento de ocidentalização do Leste Europeu. Nesse contexto, a Ucrânia assistiu o sucesso de países vizinhos que ingressaram na União Europeia, o que despertou o interesse ucraniano em romper em definitivo com a influência russa. No ano de 2013, no contexto das Revoluções Coloridas, o afastamento do bloco europeu levou o povo ucraniano a fazer enormes protestos que culminaram na deposição de Víktor Yanukóvytch, presidente pró Rússia, e à ascensão de um governo pró-ocidente.

Por fim, há que se acrescentar que a ascensão de Vladimir Putin à liderança da Rússia no início dos anos 2000 modificou o arranjo geopolítico da região. Durante os 20 anos iniciais de seu governo Putin fortaleceu as quatro expressões do poder, trazendo a Rússia de volta à uma posição central no debate geopolítico internacional, o que lhe permitiu relativa liberdade de ação para a busca por seus objetivos na Ucrânia.

3.2 ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA

> A anexação da Criméia pela Rússia em 21 de março de 2014 pegou quase todo mundo desprevenido. Os militares russos categoricamente disfarçaram suas ações e as veementemente negaram, mas os "pequenos homens de verde" que apareceram naquela península no Mar Negro foram um caso russo de dissimulação conhecido como Maskirovka. (KONRAD; LOURENÇÃO, 2019)

A decisão de Nikita kruschev em meados do século XX é colocada à prova em 2014. Após uma manobra informacional cujo principal objetivo era subsidiar as ações russas na região da Criméia, uma força de soldados não identificados desembarcou na região, se autoproclamando uma tropa popular independente, porém possuindo armamento e viaturas com identificação russa. De forma rápida e efetiva bloquearam as principais vias de acesso da Criméia e cercaram unidades militares ucranianas não encontrando resistência significativa em suas ações uma vez que, Kiev, surpreendido e despreparado, não deu ordem de contra-ataque à suas tropas, as quais se renderam.

A comunidade internacional acusava a Rússia de enviar Forças Especiais para a Crimeia, o que era negado pelo Kremlin. Porém, isso seria admitido meses depois. Estava em andamento uma complexa operação diversionista organizada pela inteligência militar russa. Uma nova doutrina de emprego baseada na velha arte militar russa da "Maskirovka" (mascarados). (KONRAD; LOURENÇÃO, 2019.)

> Vivemos em tempos onde é certo que não existe nenhum jeito onde que uma grande operação militar possa ser realizada sem disparar um de muitos alertas -mas a anexação da Criméia mostrou que o lugar da supostamente antiquada estratégia militar da dissimulação permanece e muito na era da informação moderna. Dissimulação explora a eficácia da surpresa para atingir objetivos militares, ocultando ou disfarçando intenções e os detalhes operacionais de suas forças. A capacidade de manipular e disseminar informações

> atualmente ampliou enormemente as capacidades de expandir sua influência além dos domínios estratégicos. (KONRAD; LOURENÇÃO, 2019)

Após ocupar a península da Criméia e neutralizar a reação ucraniana a Rússia conduziu nova batalha informacional, conduzindo manifestos e plebiscitos, tudo com a finalidade de validar suas ações e a vantajosa independência da Criméia, supostamente conseguida em março de 2014. Apesar da crítica internacional, o objetivo estratégico russo de controlar a região obtendo uma saída para o Mar Negro foi conquistado. O território da Criméia é estratégico para a Rússia visto que fornece acesso ao Mar Mediterrâneo, ao Mar Negro, à Península Balcânica e ao Oriente Médio. Acredita-se também que uma das motivações para a retomada do território da Criméia é o receio da Rússia perder a base naval de Sevastopol (GORENBURG, 2014).

O evidente ataque à soberania de uma nação não foi contido em 2014 pelos órgãos internacionais. As sanções impostas à Rússia por ocasião do evento não foram capazes de mitigar a busca por seu objetivo, para o qual preparou-se, servindo também este evento como caminho para as ações que viram a realizar oito anos depois. A Ucrânia, do outro lado, não reconheceu, tampouco admitiu o ocorrido, articulando-se a partir de então na reestruturação de suas Forças Armadas.

3.3 A INVASÃO RUSSA E O PRIMEIRO ANO DO CONFLITO

> Na madrugada do dia 24 de fevereiro de 2022, cerca de 200 mil soldados russos invadiram a Ucrânia em três frentes. Uma mais ao norte, partindo de Belarus em direção à capital Kiev; a segunda partindo na direção leste-oeste, do território da Rússia em direção à cidade de Kharkiv; e a terceira partindo da Crimeia para dominar Mariupol e a parte sul ucraniana, que fi ca debruçada sobre o mar Negro. (BASTOS, 2022)

No dia 24 de fevereiro tropas russas avançaram sobre o território ucraniano dando início ao conflito. Apesar de não haver uma declaração formal de guerra e da Rússia definir o evento como “Operação Militar Especial”, o confronto bélico e direto entre os dois países caracteriza uma guerra convencional, contrariando e surpreendendo aqueles que imaginavam este tipo de conflito já não era mais possível devido à globalização. Embora o conflito tenha surpreendido muitos, um olhar atento sobre o posicionamento geopolítico russo e ucraniano já deixava indícios de que o antagonismo entre ambos se agravaria. A firmeza do líder russo Wladimir Putin ao se

manifestar a respeito do uso de força pelos russos na busca da consecução de seus objetivos estratégicos, bem como a instabilidade política e a ocidentalização ucraniana indicavam que os agravos entre eles tendiam ao conflito bélico.

Nesse escopo a anexação da Criméia pela Rússia em 2014 evidenciou que as limitações impostas pela Organização das Nações Unidas (ONU), pelos demais órgãos internacionais e até mesmo por parte da população local não serviriam de obstáculos para os russos. Segundo Galbraith (1986), existem três fontes do poder que distinguem os que detêm o poder daqueles que se submetem a ele. Para o autor estas três fontes são a personalidade, a propriedade a organização. Por meio da personalidade de Putin a Rússia vem buscando retomar seu protagonismo no cenário internacional. Putin anunciou a invasão de Moscou à Ucrânia ressaltando a defesa da soberania russa: “Para os EUA e seus aliados, é a chamada política de detenção da Rússia, com óbvios dividendos políticos. E para nosso país, é uma questão de vida ou morte, é uma questão do nosso futuro histórico como povo. Não é exagero. É uma ameaça real não só aos nossos interesses, mas à própria existência do nosso Estado e sua soberania”. (TOLEDO, 2022).

> Durante período, sob a tutela de Vladimir Putin, a Rússia iniciou um novo ciclo em sua história, que ficou marcado pelos inúmeros esforços envidados pelo país para tentar se recuperar no âmbito interno (tanto economicamente, como socialmente) e para resgatar o seu prestígio no cenário internacional. (ECEME, 2022)

Segundo Moita (2022), para entender o conflito é necessário observar como a crise na Ucrânia se desenrolou ao longo do tempo, desde sua eclosão, em 2014, passando pela guerra civil que segue no leste do país, onde rebeldes, apoiados pela Rússia, impuseram diversas derrotas ao governo central. A partir da anexação da Criméia era certo que um conflito ocorreria. A Ucrânia nunca deixou de articular a retomada do seu território violado, movimentando-se principalmente de forma diplomática e buscando uma maior aproximação com blocos ocidentais. Particularmente o hipotético ingresso dos ucranianos na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) fundamentou parte da narrativa do Kremlin para a invasão uma vez que se entenderam ameaçados por tal aproximação. O entendimento claro da conjuntura em que se encontrava fez com que a Rússia ao optar pela invasão estivesse notoriamente preparada, não só no nível operacional e tático como também no nível político e estratégico. (ECEME,2022)

Segundo MOITA (2022), no final de 2021, as tensões na fronteira da Ucrânia com a Rússia atingiram um ponto em que a especulação sobre uma possível invasão russa se tornou pauta na agenda da Ucrânia e nas potências ocidentais, essas se articularam no sentido de dissuadir os russos de seguirem nesse curso de ação.

> A Rússia se preparou para esse conflito. No campo econômico, o país acumulou 600 bilhões de dólares em reservas, algo que equivale a 17 meses no custo do país. Cumpre mencionar que a maior parte dessas reservas estão em ouro, o que lhe confere grande liquidez nas negociações. Em que pese as sanções econômicas sofridas nos últimos dias, essas reservas associadas ao fato da negociação econômica poder ser viabilizada em meios alternativos, como a dark web, cripto moeda, dentre outros, possibilita a Vladimir Putin conduzir seu país retardando os efeitos colaterais à sua população. (ECEME,2022)

A Rússia se preparou para o conflito. Os eslavos não responderam um desafio geopolítico aleatoriamente. Do contrário, estavam preparados politicamente para lidar com as consequências da guerra, em especial, fortaleceram em todas as expressões do poder para possuir liberdade em suas ações.

A invasão russa em território ucraniano contrapõe o paradigma idealista, aqueles que não acreditavam no eclodir de novos conflitos armados reescrevem seus argumentos diante de um cenário internacional marcado pela incerteza. De forma evidente, os enlaces econômicos, sociais e a globalização não foram, e possivelmente nunca serão, capazes de conter a geopolítica e interesses dos Estados. Cada nação, cada povo, em cada território e sob certa liderança quando confrontados reagirão em favor de seus interesses. Os Estados que mais cedo aceitarem essa realidade e por ela trabalharem se fortalecerão seja na defesa de sua liberdade seja em sua projeção internacional. Assim pensou a Rússia, assim agiram os russos.

4. MOVIMENTO POLÍTICO E ESTRATÉGICO RUSSO NA PREPARAÇÃO PARA O CONFLITO

A Federação Russa é uma república federativa que tem o Presidente como chefe de Estado e o Primeiro-ministro como chefe de governo, sendo eles respectivamente Vladimir Putin, desde 2000, e Mikhail Mishustin, desde 2020. O sistema de governo vem sendo adotado desde o fim da União Soviética no

fim de 1991, por meio dele a Rússia se reorganizou após o colapso de seu sistema socialista.

4.1 O POSSICIONAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO

> A Europa terá sempre um problema com a Rússia (KAPLAN,2013)

> A política externa da Rússia, especialmente com o seu entorno geográfico, reforça um reavivamento geopolítico no século XXI. A anexação da Crimeia em 2014 é um marco na segurança internacional, sendo fonte de impasses nas relações da Rússia com o Ocidente. Exploramos e descrevemos a acentuada divisão ideológica e por influência entre Rússia e União Europeia/Ocidente, utilizando documento legais tanto nacionais e institucionais para referendar as posições no conflito, e analisamos como a anexação faz parte de um conjunto de assertividades do país na política internacional. Argumentamos que as ações russas e as perspectivas geopolíticas da década de 2020 reforçam a Rússia como grande potência-chave no sistema internacional como parte indispensável do cálculo sistêmico de China e Estados Unidos no contexto de uma nova Guerra Fria. (LIMA; LIMA, 2021)

Entender as ações políticas e estratégicas russas exige primeiro o entendimento de sua geopolítica. Conhecer sua geografia e como esta repercute em sua história e em seu povo é fundamental para uma perspectiva coerente de suas ações, por mais que estas num primeiro olhar pareçam incoerentes.

> Do ponto de vista global, a Rússia reforça seu status de grande potência. Para fins de conceituação, de acordo com Buzan e Wæver (2003), o status de superpotência requer capacidades de amplo espectro que possam ser exercidas ao longo do sistema internacional; capacidades militares de primeira linha (e economias que as suportam); e que a potência seja capaz de exercer alcance político e militar global. Além disso, é preciso que a nação se veja como superpotência, e seja assim aceita pelas demais em termos de retórica e comportamento. Para ser considerada grande potência, uma nação não necessita ter capacidades em todos os setores, nem estar ativamente presente nos processos de securitização em todas as regiões do sistema internacional. Entretanto, um elemento é fundamental: “o que distingue grandes potências das meramente regionais é que elas são respondidas por outras com base em cálculos em nível sistêmico sobre a distribuição de poder no presente e no futuro próximo” (LIMA; LIMA, 2021)

Kaplan dedica um capítulo de sua obra “A Vingança da Geografia” analisando o que chamou de Mapa Eurasiano. Na literatura o autor retoma a discussão acerca do conceito do Heartland proposto pelo geopolítico alemão Karl Haushofer onde a região central da Europa, seu coração, seria o lugar mais importante do mundo para o poder e o exercício da influência. O domínio do coração do mundo ganha força na teoria do poder terrestre de Makinder, que propõe que quem dominar o Hearthland ganhará força suficiente para dominar o mundo.

Outro teórico geopolítico relevante para o entendimento das ações russas é Nicholas Spykman que propôs a teoria do Rimland. Para ele quem dominar as fimbrias, o entorno, da Eurásia dominará a Eurásia e quem a dominar, controlará o mundo. Não por acaso, notamos que Ucrânia, Bielorrússia, Filipinas, e outras ex repúblicas soviéticas fazem parte justamente desse entorno, que separa o continente Europeu do Asiático, justificando a busca ocidental em se aproximar, e a eslava em contrapor a aproximação.

Nesse sentido, é imperativo para o russo buscar a expansão e a manutenção do máximo de controle possível sob a região da Eurásia, ao passo, que igual força dedica à contenção ocidental na região. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos expandiam seu poder marítimo, sua força militar naval assim como sua marinha mercante alargando a cada ano sua influência no globo terrestre, sendo limitados apenas pelas fronteiras das terras influenciadas pela União Soviética. Passados mais de 30 anos da queda do muro de Berlim a aproximação ocidental finalmente chegou as fímbrias da Eurásia. Enquanto muitos acreditavam que os norte-americanos chegariam à região pela expressão de seu poder econômico ou militar, o mesmo ocorreu por meio da expressão do poder psicossocial sem que a Rússia pudesse confrontá-lo.

Esse contexto de aproximação das antigas repúblicas soviéticas com Estados Unidos e as principais potências europeias carreou também para as fímbrias da Eurásia meios militares desses países, pela primeira vez próximo à fronteira russa, exigindo desse país, dentro de sua estratégia de defesa, contrapor a aproximação. A aspiração ucraniana de aderir a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) ameaçou a segurança russa, e esses agiram conforme entendiam geopolicamente dever agir.

4.2 MOVIMENTOS POLÍTICOS E ESTRATÉGICOS RUSSOS

4.2.1 **Fortalecimento da figura do líder e a adoção de narrativas acerca de defesa**

Como preparação para o conflito com a Ucrânia, a Rússia fortaleceu a figura de seu líder e por meio desse difundiu narrativas relacionadas a sua defesa territorial, econômica e social. Ao longo da década que antecedeu o conflito as motivações russas tornaram-se conhecidas, e, embora tenham sua legitimidade e legalidade questionadas pelo ocidente, foram suficientes para congregar a população eslava para iniciar a invasão.

As Revoluções Coloridas ocorridas nos países do leste Europeu no final da primeira década dos anos 2000 motivaram a reeleição de Wladimir Putin para um terceiro mandato na Rússia. Movimentos sociais patrocinados por Organizações Não Governamentais questionavam os governos locais e buscavam uma aproximação com o ocidente, contudo, em 2012, acabaram por fomentar a permanência de Putin no poder dando início a uma nova fase de seu Governo.

> As ONGs – tais como Freedom House, Americam Enterprise Institute (AEI), National Democratic Institute (NDI) e muitas outras, financiadas pela USAID, NED, CIA e agências dos Estados Unidos e da União Europeia e/ou grupos privados, seguiram encorajar as denominadas revoluções coloridas nos países do Cáucaso. A Revolução Laranja, na Ucrânia, visou anular a eleição de Viktor Yanukovych, governador da província de Donetsk (1997-2002) e levar ao poder seu adversário, o líder da oposição Viktor A. Yushchenko, que era pró-Ocidente, [...]. (MONIZ BANDEIRA, 2018:266)

Nesse contexto, em que se pese o relativo sucesso dos movimentos em países vizinhos, e na própria Ucrânia, na Rússia, após período de desacordo, Putin firmou-se no poder. A popularidade do líder russo ganhou força ao longo da primeira década dos anos 2000 por sua capacidade de reestruturar política e economicamente o país, fragilizado após o fim da União Soviética. O desenvolvimento político e econômico promovido por Vladimir Putin assegura uma estabilidade que faz a população russa apoiá-lo". (BONET, 2014).

> A popularidade do presidente da Rússia Vladimir Putin chegou a 88%, seu nível mais elevado desde que se tornou presidente pela primeira vez há mais de 15 anos, de acordo com uma pesquisa divulgada nesta sexta-feira que confirma a força de sua imagem. A pesquisa, preparada pelo Centro de Pesquisas de Opinião Pública, reafirma a tendência crescente de que a popularidade de Putin vem se registrando desde o início da crise política na Ucrânia, há mais de um ano. Especificamente, 88% dos russos apoiam seu presidente, de acordo com a pesquisa, extraídos de 1.600 entrevistas em 130 locais e coletadas pela agência de notícias Itar-Tass. (El Pais, 2015).

Uma vez empossado para seu terceiro mandato, Putin não ignorou a aproximação ocidental ocorrida em seu entorno e buscou fortalecer uma narrativa contundente no sentido da defesa e preservação da soberania e dos interesses

russos. Por meio de um posicionamento público, expos para sua própria população e para a comunidade internacional as consequências do avançar do ocidente em sua direção, apresentando uma outra perspectiva. Sobre a Ucrânia, e a aproximação desse país à União Europeia, a título de exemplo, o líder russo de manifestou sua preocupação da seguinte forma em entrevista a STONE e SZLAK (2017):

> Os mercados da Rússia estavam totalmente abertos às importações da Ucrânia. Tínhamos, e ainda temos, barreira tarifária igual a zero. Temos um sistema de energia e um sistema de transporte únicos. Há diversos outros elementos que unem nossas economias. Durante 17 anos, negociamos com a União Europeia condições de acesso da Rússia à Organização Mundial do Comércio (OMC), e, de repente, foi anunciado para nós que a Ucrânia e a União Europeia estavam firmando um acordo de associação. Isso significa a abertura do mercado ucraniano. Significava que os padrões técnicos, a regulação do comercio e outros elementos da política econômica da União Europeia deviam ser implantados na Ucrânia, e isso estava acontecendo muito rápido, sem um período de transição. Ao mesmo tempo, nossa fronteira aduaneira com a Ucrânia se achava totalmente aberta. A União Europeia podia ingressar em nosso território com todos os seus produtos sem nenhuma negociação, apesar dos acordos – acordos de princípios – que tínhamos alcançado com ela antes, no correr daquelas conversações de 17 anos a respeito de nosso acesso à OMC. (STONE; SZLAK, 2017).

Fortalecido no poder, Putin investiu em minimizar interferências externas dentro de seu país, bloqueando recursos de ONG e ampliando o monitoramento dessas e de agentes estrangeiros. A repercussão de seu poder, sem grande influência externa favoreceu o fortalecimento da narrativa proposta.

Entre 2014 e 2022 a Rússia conseguiu fortalecer internamente sua narrativa contrária ao avanço ocidental na direção de seu entorno. O perigo resultante da perca de influência política sobre países que compunham a União Soviética foi explorado na população e fomentou nos russos repulsa às consequências da ocidentalização desses países também nas esferas militar, econômica e psicossocial.

No campo econômico, foi explorado que o fim da dependência econômica dessas nações, considerada sua integração à União Europeia, repercutiria de forma catastrófica na economia russa, comprometendo gravemente sua balança comercial. Valendo-se disso, Putin explorou no campo psicossocial a aproximação e a origem comum dos povos, o que deveria ser levado em consideração para a não ocidentalização desses países. Nesse sentido, destacou que os acordos anteriormente tratados haviam sido conduzidos entre povos de mesma origem, como aquele que concedeu o controle da Crimeia à Ucrânia em 1954 não tendo mais valia dada às novas condicionantes. Ainda no escopo psicossocial, trouxe à tona a questão

do choque das civilizações, e como a civilização eslavo-ortodoxa estaria ameaçada pelo avanço ocidental.

No campo militar, conduziu uma narrativa com o intuito de justificar o emprego de poderio bélico na Ucrânia expondo as ameaças da presença da OTAN em território ucraniano, exaltando a defesa de sua soberania. Explorou assertivamente as semelhanças com a crise dos mísseis ocorrida na década de 1960 quando os Estados Unidos exigiram a retirada russa de Cuba uma vez que se sentiram ameaçados pelas bases soviéticas lá instaladas, evento que quase resultou em um conflito nuclear entre os dois países. Segundo MEARSHEIMER (2014), Washington pode não gostar da posição de Moscou, mas deve entender a lógica por trás. Isso é o básico da geopolítica: Grandes potências são sempre sensíveis a potenciais ameaças perto de seu território. Ainda sobre a condução de narrativas no campo militar, de forma estratégica, a Rússia camuflou suas operações militares, sem deixar de executá-las, iniciando com a anexação da Criméia em 2014 e culminando na invasão Ucraniana em 2022, invasão essa, que, estrategicamente escolheu não chamar de guerra.

> Como sempre, a Rússia defenderá de maneira apropriada seus interesses e sua soberania, buscará fortalecer a estabilidade internacional, advogará por uma segurança paritária para todos os Estados e povos [...] Essas forças são um importantíssimo fator de contenção do equilíbrio (de forças) global e, praticamente, excluem a possibilidade de uma agressão a grande escala contra a Rússia. [...] Novamente, ressalto que não temos a intenção de nos dedicar à militarização do Ártico. Nossas operações nesta região têm caráter contido e racional em sua magnitude, mas absolutamente necessárias para garantir a capacidade militar da Rússia. (PUTIN, 2014)

A narrativa fomentada surtiu o efeito buscado dentro da Rússia. Em 2022, ao invadir o país vizinho, Putin era incontestável pela maioria da população russa, a qual apoiava suas ações. Em que se pese não obter o mesmo resultado junto à comunidade internacional com poucos países apoiando suas ações, as narrativas apresentadas pelos russos foram suficientes para descaracterizar suas manobras de ações terroristas ou meramente arbitrárias, subsidiando a possibilidade de neutralidade por algumas nações, e limitando as retaliações recebidas.

Ainda quanto às narrativas, a Rússia conseguiu comunicar sua capacidade nuclear e sua disposição para empregá-la, sem efetivamente lançar uma ogiva. Por meio da liderança de Putin, de seus generais, e de uma comunicação clara de que não hesitaria em empregar a bomba atônica caso seus interesses fossem frustrados, os eslavos conseguiram manter uma relativa liberdade de ação, o que lhes permitiu

iniciar o combate sem a intervenção militar de outros países. Para Moita (2022), a rodada de negociações que antecedeu o início do conflito em 2022 foi tensa, pois os russos anunciaram que poderiam colocar tropas e mísseis em Cuba e Venezuela, para pressionar os americanos, que, por sua vez, defendiam que uma ação contra a Ucrânia é inaceitável, contudo, não se opuseram militarmente, assim como, efetivamente as tropas e mísseis não foram instalados no continente americano.

Dessa forma, pode-se inferir que desde 2012 quando Putin foi reeleito, a Rússia movimentou-se no sentido de fortalecer sua principal liderança e, por meio dessa, conduzir narrativas no sentido de unir a população em torno de um objetivo comum, além de comunicar a comunidade internacional sua preocupação com sua segurança, ao passo que, também comunicava seu imenso poder de destruição, tudo com a finalidade de justificar suas ações na Ucrânia e ter liberdade de ação no combate.

4.2.2 **Apoio a grupos separatistas na Ucrânia**

Como forma de enfraquecer internamente seu antagonista, a Rússia apoiou grupos separatistas dentro da Ucrânia. Por meio de financiamento, reconhecimento político, e apoio militar os russos inflamaram (ou criaram) movimentos separatistas na Ucrânia, eventualmente anexando regiões contestadas à sua federação.

> A manobra teve um objetivo estratégico claro, enfraquecer e manter a Ucrânia na zona de influência russa, impedindo qualquer possibilidade ingresso na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e na União Europeia. (KONRAD; LOUREÇÃO,2019)

A citação de LOUREÇÃO e KONRAD em 2019 é referente a participação russa na independência da Criméia e sua respectiva anexação à federação russa. Em que se pese a presença de blindados e tropas no evento, a anexação da Criméia se deu por meio de uma batalha informacional com intensa campanha do Kremlin para justificar suas ações junto a população local e a sociedade internacional. Nesse ponto, existe uma grande controvérsia quanto ao sucesso da campanha. Se por um lado, de forma contundente a comunidade internacional não comprou os motivos plantados pela Rússia, condenando-os, esses, por mais rasos que fossem, foram suficientes

para “justificar” a não intervenção de outras nações no evento, evidenciando o poder da expressão política russa no cenário internacional.

Com a recente vitória na questão da Criméia, a Rússia tende a não precisar se comprometer e fazer acordos com o ocidente sobre temas relativos à sua área de influência, tornando a situação ainda mais complexa, tanto para as partes beligerantes como para as outras partes interessadas. (SHAFFER,2014)

Segundo Xavier (2015), depois do colapso da União Soviética, o governo russo, mais especificamente o personalista Vladimir Putin, tentou restaurar a esfera de influência na região. De acordo com Starr e Cornell (2014), isso é feito das mais variadas formas: pressões políticas e diplomáticas, para a derrubada de regimes que venham a ser contra os interesses de Moscou; alimentação de conflitos congelados, como Criméia, Ossétia, Transnistria e Nagorno-Karabakh; pressões econômicas, especialmente na questão energética; apoio a extremistas de acordo com os interesses; além da propaganda e subversão, características de sua antecessora União Soviética, tão bem replicadas pelo governo de Putin.

Na mesma linha de raciocínio, Mankoff (2009) atesta que grandes influenciadores da política russa, que postulam o conceito geopolítico da Eurásia, fazem com que o Kremlin tome decisões de expansão do orçamento militar e de uma pressão maior na Ucrânia e nos países do Cáucaso, principalmente a Geórgia e a Armênia.

Nesse escopo há que se falar também do apoio Russo aos movimentos separatistas na Ucrânia, em especial a Guerra Civil na região de Donetsk e Luhansk.

> Em maio de 2014, estourou uma guerra civil no leste do país, nas províncias de Donetsk e Luhansk, onde separatistas realizaram referendos nos mesmos moldes daquele ocorrido na Crimeia. O governo ucraniano reagiu, enviando forças para impedir que as províncias se separassem do país. Entretanto, com apoio da Rússia, que oficialmente nega tal ação, os separatistas conseguiram vencer as forças ucranianas em diversas batalhas. (MOITA, 2022)

No ponto de vista estratégico o apoio a independência Donetsk e Luhansk e sua posterior anexação à federação russa representou mais uma expressão da capacidade política russa e principalmente, reserva a este país grande reserva de carvão e a potencial energia a ser gerada por ele, além de contribuir para a narrativa russa. Dessa forma, numa manobra que exigiu poucos meios militares, avançou no território de seu antagonista o enfraquecendo politicamente, o que repercute numa barreira para que a OTAN aceite a Ucrânia efetivamente.

4.2.3 **Aproximação com a China e Fortalecimento de novos blocos e parcerias**

> A Rússia se torna cada vez mais o país a ser acomodado (e vigiado) numa eventual disputa sistêmica dos EUA com a China. Por meio do assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, o que confere grande poder e status globais à Rússia, muitas de suas posições são compartilhadas ou ao menos não refutadas pela China. A Rússia também mantém laços estratégicos e militares com os chineses na Organização para Cooperação de Shangai (OCS), como na cooperação pela segurança regional e combate ao terrorismo. A Rússia também possui uma relação-chave com a Turquia – integrante da OTAN – quanto ao fornecimento e venda de armamentos aos turcos, o que incomoda, claro, as potências ocidentais (LIMA e LIMA, 2021)

Embora a guerra seja contra a Ucrânia as motivações russas estão todas relacionadas a contrapor o avanço ocidental, personificado novamente nos Estados Unidos e nos principais países da União Europeia. Nesse sentido, como possível preparação para o combate, a Rússia se aproximou do principal opositor dos norte-americanos, a China, e junto desse fortaleceu novos grupos e parcerias, diminuindo assim a hegemonia de Washington.

Em junho de 2019 o canal de notícias norte americano BBC publicou uma matéria sobre como aproximação 'sem precedentes' entre Rússia e China materializa pesadelo dos EUA, o conteúdo divulgado versava sobre como os dois gigantes haviam superado suas diferenças históricas para estabelecer parceria com potencial para contrapor a hegemonia norte americana. A cooperação envolve investimento em infraestrutura, tecnologia, transporte, no contexto da nova Rota da Seda, além de alinhamento estratégico na cúpula da ONU e fortalecimento de fórum econômico como o BRICs, por exemplo.

A aproximação com a China, parceiro comercial de países de todos os continentes é amparado na ideia da rivalidade em comum com os Estados Unidos. Se a hegemonia norte americana nas diversas expressões do poder ainda é incontestável, a nova ordem mundial permite que coligados consigam relativizar o poderio estadunidense.

A relação dos dois países expressa-se nos diversos fóruns da Organização das Nações Unidas, onde possuem assento permanente em seu conselho de segurança. A combinação de votos, a oposição aos EUA e até mesmo a neutralidade fortalecem seus interesses políticos, além de relativizar a hegemonia política de seu rival. Referente a Guerra da Ucrânia, a China mantém relativa neutralidade, o que é suficiente para minimizar a possibilidade de intervenção bélica da ONU no conflito.

Para o diretor da China Institute na Universidade de Londres, Steve Tsang, em entrevista à MCCARTHY (2023), referente ao posicionamento de Pequim no conflito, o problema básico é que a China não quer que a Rússia ou Putin pareçam ter falhado, e um acordo que exija que a Rússia renuncie aos territórios tomados na invasão seria uma derrota para a Rússia. Embora não engajados no conflito, os chineses compartilham a discordância sobre o papel estadunidense na OTAN dentro do continente Europeu, além de permanecer sendo o principal parceiro comercial dos eslavos. No que diz respeito a legalidade do avanço russo no território ucraniano é importante ressaltar que a China possui ainda o objetivo permanente de reaver o controle sobre Taiwan, dessa forma a estratégia de não confrontar os russos torna-se necessária.

Além da relação com a China, a Rússia fortaleceu sua relação com países emergentes. A aproximação russa desses países, seja no campo econômico, seja na esfera política, fortalece politicamente os eslavos na política internacional servindo exatamente de contraponto para os idealistas que pregavam que a globalização e as redes comerciais evitariam conflitos bélicos. No caso em estudo, a necessidade da manutenção dessa rede comercial e política com a Rússia, faz com que não haja uma retaliação global efetiva aos russos capazes de parar o conflito. Com o Brasil, por exemplo, os russos mantêm estreita relação comercial e, em que se pese não estar no período estudado, no ano de 2023 ampliou também um certo alinhamento ideológico com os brasileiros.

4.2.4 **Controle estatal dos setores econômicos e** o **aumento da reserva de ouro**

Na preparação para o conflito a Rússia centralizou a governança e o controle da economia. A reeleição de Putin marca a consolidação da reestruturação econômica iniciada no início dos anos 2000, quando, de forma contundente, o governo russo adotou medidas para centralizar a administração do país e trazer de volta para o controle do governo as principais estruturas estratégicas do país.

Embora nunca tenha usado o termo Guerra Total, o renomado estrategista Carl Von Clausewitz em sua obra “Da Guerra” de 1832 , tratava a mesma como um grande esforço onde quaisquer recursos e infraestruturas seriam mobilizáveis e estariam disponíveis no esforço de guerra a consecução de um objetivo político.

Assim, Putin reestabeleceu pouco a pouco o controle estatal sob os principais setores econômicos do país, dentre eles os de sua matriz energética e bélica, além da busca pelo domínio de estruturas estratégicas até mesmo fora de seu território, o que motivou inclusive a anexação da Criméia. Dessa forma, foi possível à Rússia potencializar a exploração de seus recursos como instrumentos de política econômica, o que se mostrou eficaz no início da guerra quando boa parte da Europa, opositores ao conflito, dependiam do gás russo.

> A dependência europeia do gás russo consiste na incapacidade energética dos países europeus produzirem este combustível em tempos de crise. Esta falta de autonomia foi visibilizada a partir de 2020, com a crise humanitária da covid-19 e os conflitos geopolíticos. Em 2021 a UE importou cerca de 155 bilhões de metros cúbicos de gás natural da Rússia, o equivalente a 40% do consumo total de gás da Europa (RIBEIRO, 2023)

A política econômica de Putin permitiu um relativo acúmulo de capital o qual foi empregado para aumentar a reserva de ouro Russa. Segundo Oliveira (2022) desde 2014, quando ocorreu a crise na região da Crimeia, tanto as reservas cambiais quanto de ouro do Banco Central Russo aumentaram vertiginosamente: nos últimos oito anos a autoridade monetária russa expandiu suas reservas de ouro em mais de US$ 100 bilhões, somando cerca de US$ 132 bi atualmente. “Isso parece indicar que a Rússia se preparou para uma ocasião como essa, tentando criar robustez monetária para enfrentar eventuais sanções do Ocidente”, segundo Rodrigo Lima, analista de investimentos e editor de conteúdo da Stake, plataforma de investimentos internacionais (Oliveira, 2022). O acúmulo inicia-se em 2015 e ganha força em 2018 como se ve no gráfico abaixo.

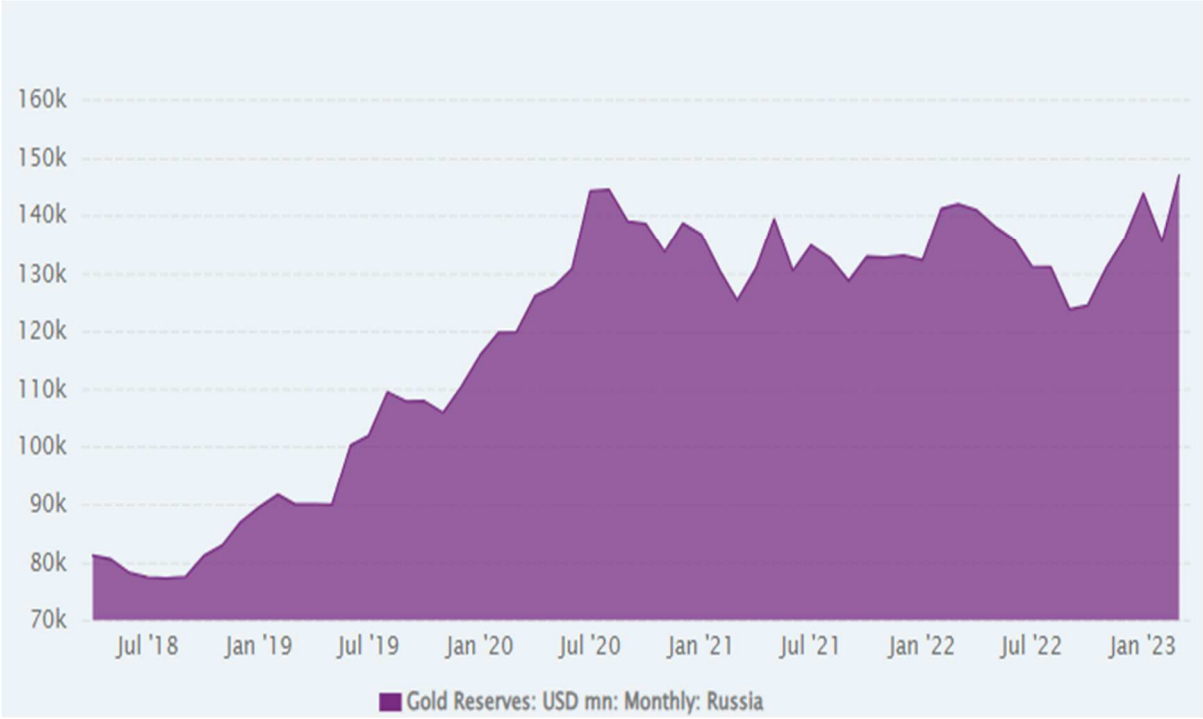

Gráfico Nr 1: Reserva de Ouro da Rússia

Fonte: CEICDATA https://www.ceicdata.com/pt/indicator/russia/gold-reserves

> O presidente da Rússia, Vladmir Putin, não começou uma guerra com a Ucrânia despreparado. Muito pelo contrário. As reservas internacionais da Rússia estão estimadas em cerca de 700 bilhões de dólares. Boa parte, cerca de 20%, está em ouro e é uma das maiores do mundo. As reservas estão ainda em euro, dólares e yuans. A dívida interna da Rússia equivale a 18% do PIB, segundo a consultoria Markestrat. Na prática, isso significa que as sanções bancárias contra o país não têm efeito significativo já que ela não depende de capital externo. Além disso, quanto mais subir o petróleo, mais a Rússia se beneficia, já que é grande produtora. Outra grande vantagem russa é o apoio da China, que já se posicionou contra sanções ao país. Se o mundo impuser sanções comerciais de qualquer tipo, mas a China continuar comprando, o país terá capacidade financeira para segurar uma guerra por um bom tempo. (GOULART,2022)

A importância geopolítica e geoeconômica do ouro é inquestionável ao longo da história do capitalismo até o período atual. A posse do metal dourado confere ao detentor poder financeiro, a partir da capacidade de transformá-lo em capital, reservá-lo, trocá-lo por moeda ou mercadorias (MARX, 1890). Com o aumento das reservas de ouro a Rússia garantiu sua sobrevivência na guerra. Independente do conflito, de qualquer sanção imposta o valor do ouro é universal não estando sujeito a atividade ou interesse de determinado país. Assim a Rússia manteve seu poder de compra e negociação no mercado internacional.

4.2.5 **Modernização e reequipagem das Forças Armadas**

A Rússia investiu na modernização e reequipagem de suas Forças Armadas. Segundo Agostini (2022), de acordo com o “The Military Balance - 2021”, relatório emitido pelo International Institute for Strategic Studies (IISS), os gastos militares russos aumentaram rapidamente de 2012 a 2015, em decorrência dos gastos com o Programa de Modernização e Reequipamento Russo, mas depois caíram em termos nominais e reais de 2016 a 2018, antes de uma recuperação modesta em 2019. Nesse sentido salienta-se que o governo russo passou a ter seus sistemas de defesa e material de emprego militar aperfeiçoados com um menor orçamento no setor, tudo resultado dos investimentos em sua base industrial de defesa.

Os investimentos na base industrial de defesa fizeram com que a Rússia aumentasse em 38% sua produção industrial de defesa após 2014 passando a gastar menos com importações. Além disso, com uma base industrial sólida o russo vem conseguindo manter-se no combate apesar das sanções e das limitações que lhe foram impostas para adquirir material de emprego militar durante a guerra.

> Outra iniciativa realizada pela Rússia no campo econômico foi a criação do banco militar russo por Vladimir Putin, ou Promsvyazbank, o qual tem se mostrado essencial para o financiamento das atividades da indústria de defesa da Rússia. Até o presente momento, nota-se que o referido banco tem sido hábil, uma vez que está conseguindo driblar as sanções impostas pelo ocidente junto ao Kremlin. (AGOSTINI, 2022)

Entre março e abril, a Rússia movimentou grandes efetivos e quantidades de material militar para o Distrito Militar do Sul, onde foram realizados exercícios nas proximidades da fronteira com a Ucrânia. "Ao fim desses exercícios, não ocorreu a desmobilização dos meios, o que motivou alertas ucranianos à comunidade internacional" (Observatório Militar da Praia Vermelha, 2022). Isso se intensificou após uma grande movimentação de forças russas dos Distritos Militares do Centro e do Oeste, posicionando tropas nas fronteiras com a Ucrânia com vasta quantidade de carros de combate e 2 peças de artilharia, especialmente canhões e lançadores de mísseis, o que configura a maior mobilização russa desde a anexação da Crimeia em 2014. "Autoridades ucranianas alertam para uma possível ação militar russa, com efetivos que poderiam chegar até a 175 mil militares em março de 2022." (“Observatório Militar da Praia Vermelha, 2022”). A Rússia nega que esteja preparando uma invasão da Ucrânia, e que esteja posicionando forças na fronteira com essa finalidade. Os russos alegam que o uso de drones por parte dos ucranianos

pode "desestabilizar a região” e, por isso, medidas como o envio das tropas são necessárias para a defesa de seus interesses. Alemanha e Estados Unidos protestaram contra a mobilização russa e demandam que ela seja desfeita. (MOITA,2022).

Dessa forma, fica evidente a articulação de Moscou para um conflito. Com o pretexto de fortalecer sua defesa articulou e criou capacidades para atacar. A concentração estratégica nas proximidades da fronteira ocorrida em janeiro e fevereiro que precedeu a invasão nada mais é qua a solução tática da estratégia russa conduzida durante anos.

5 **CONCLUSÃO**

O conflito entre Rússia e Ucrânia iniciado em 2022 é, até o presente momento, o maior evento bélico do século XXI. Contrariando a maioria das perspectivas ele se estende a mais de um ano num combinado de combate convencional e batalhas no campo informacional. Para sustentar uma invasão antagonizada pelo ocidente, a Rússia se preparou para o conflito implementando ao longo de mais de uma década uma série de medidas estratégicas que lhe permitissem buscar seus objetivos políticos.

Em síntese, claramente a Rússia se preparou para o conflito. Por meio de movimentos estratégicos e políticos conquistou a liberdade de ação necessária para iniciar o conflito. Em que se pese o estudo em tela estar delimitado às ações posteriores à anexação da Criméia em 2014, o aprofundamento do tema permitiu verificar que a Rússia vem se fortalecendo desde o início dos anos 2000 com a chegada de Putin ao poder, esse fortalecimento passa a ser direcionado para o conflito com a Ucrânia a partir de 2012 como contrapartida a Revolução Colorida lá ocorrida. De forma evidente, diversas outras estratégias foram concebidas e executadas pelos russos, mas se mantém, naturalmente, ocultas, sendo as observadas nesse estudo as mais contundentes e suficientes para responder o problema levantado comprovando que a Rússia se preparou para o conflito e que dava indícios disso em suas manobras política e estratégica, indícios esses de interesse para estudos de defesa.

Nesse sentido, os antecedentes históricos indicam que a origem comum dos dois países não foi capaz de aliviar as tensões entre eles. Enquanto de um lado a Ucrânia busca seguir de forma independente, do outro a Rússia vale-se da origem comum para subsidiar a narrativa de intervenção e domínio sob seu vizinho, o que se repetiu algumas vezes ao longo da história, com destaque para o período da União Soviética.

Quanto aos antecedentes do conflito há que se considerar os efeitos da anexação da Criméia pelos russos em 2014. Ao reconhecer a supostamente forjada independência da República Autônoma da Criméia e anexá-la à Federação Russa Putin demonstrou o tipo de política externa que estava disposto a conduzir, sendo esse o início do conflito para os ucranianos que, sem força para contrapor em 2014, nunca acataram tal movimento. A anexação da Criméia serviu também de evento

teste para a Rússia particularmente no que diz respeito à sondagem da resposta do ocidente à suas ações. Nenhuma ação eficaz foi tomada para contrapor os russos, o que contribuiu para uma ação mais contundente em 2022.

O primeiro ano do conflito demonstrou a assertividade da estratégia russa. Ao passo que todos pensavam ser insustentável o conflito diante das sanções econômicas e pressão internacional, os russos se mantiveram firmes. Após um início potente e um rápido avançar em território ucraniano a guerra ganhou novos contornos quando as defesas da Ucrânia se organizaram alongando o conflito, o que evidenciou as capacidades da Rússia de se manter no combate.

Nesse contexto, pode-se inferir também que, as ações estratégicas e políticas adotadas pela Rússia estão alinhadas com o entendimento geopolítico histórico da Rússia, o qual prevê, o repúdio à aproximação ocidental de seu território e a proteção de sua civilização. A visão de geopolíticos acerca da região da Eurásia alinhada com o pensamento realista ampara as ações russas entre 2014 e 2022, as quais contemplaram as expressões política, econômica, militar e psicossocial do poder nacional.

Para ser capaz de empregar a expressão do poder militar e garantir a consecução de seus objetivos a Rússia se preparou. É importante salientar que as medidas de preparação não foram executadas essencialmente para esse conflito em si, fizeram parte de um grande plano de governo conduzido por duas décadas em que a Guerra contra Ucrânia, ou Operação Militar Especial, como costumavam chamar, é apenas mais um movimento de uma estratégia muito maior. No que tange ao Brasil, faz-se necessário manter um olhar atento sobre a geopolítica de seu entorno estratégico e principalmente sobre sua própria geopolítica. A exemplo da Rússia, um entendimento pleno de sua geopolítica, de suas capacidades, necessidades e limitações permitirá ao Brasil antever ameaças previamente.

No que tange à preparação para o conflito ela começou a ser construída em 2012 com a reeleição de Putin como contrapartida às repercussões das Revoluções Coloridas. A história revela que as grandes campanhas militares são conduzidas no âmbito político por lideranças com a capacidade de agregar os interesses nacionais em torno de um objetivo. A manutenção do líder no poder e as narrativas disseminadas por ele fortaleceram a coesão russa em torno de seus objetivos. Um olhar atento para a América do Sul nos permite ver que ao longo das mesmas décadas nas quais a Rússia se articulou para o conflito, lideranças nacionais se

mantiveram demasiadamente no governo, caso da Venezuela por exemplo. Acompanhar a política interna dos países vizinhos e eventualmente se posicionar contrário a regimes ditatórias faz parte do papel de protagonismo e liderança que o Brasil busca no continente.

A utilização militar da região da Criméia e de Donetsk e Luhansk revela a importância do apoio dado pela Rússia a grupos separatistas na Ucrânia. Por meio das infraestruturas lá existentes e da população local, já coaptada para si, os russos avançaram rapidamente em território ucraniano. Nesse sentido, o Brasil possui em seu território diversas colônias de imigrantes, diversas etnias e religiões além de uma rede de crime organizado extremamente articulada. Embora o acolhimento seja uma característica brasileira a integração de todos esses povos ao povo brasileiro é fundamental. Especial atenção deve ser dada à integração das populações originárias brasileiras, as quais são socialmente mais vulneráveis a interesses externos e de modo geral são encontradas em regiões fronteiriças na amazônica, alvo da cobiça internacional. Quanto ao crime organizado, faz-se necessário políticas de estado para contrapor o avanço do mesmo não só no Brasil, mas em todo o continente, uma vez que cada vez mais permeiam as fronteiras dos estados.

A ineficácia da política internacional em encerrar o conflito aponta a importância da aproximação com a China e do fortalecimento de novos blocos e parcerias para os interesses russos. O relacionamento com os chineses como contraponto aos Estados Unidos e os blocos e parcerias militares e comerciais que a Rússia criou equilibraram a balança política mundial, limitando o efeito das sanções imposta sobre os eslavos. Essa estratégia alerta o Brasil quanto importância de seus alinhamentos políticos, os quais devem ser pensados visando objetivos políticos e não ideológicos. Nesse escopo, o conflito revela que, mesmo o Brasil sendo a maior economia da América latina, com os maiores investimento na expressão militar do poder, um jogo alinhamento e parcerias assertivo de vizinhos pode desequilibrar politicamente esse cenário deixando o Brasil numa situação vulnerável. Importante salientar que a experiência ucraniana revela que não se pode contar com a intervenção internacional, essas, como já tratado, seguem seus próprios interesses.

A plena utilização de suas estruturas estratégicas em seu esforço de guerra revela a assertividade da estratégia russa de recuperar e manter o controle estatal dos setores econômicos e de suas infraestruturas estratégicas. Por meio dessa ação o governo russo pôde, estrategicamente, explorar sua vasta rede de recursos,

em especial os energéticos, utilizando-os politicamente e economicamente, caso por exemplo da distribuição de gás para Europa Ocidental. Essa estratégia russa precisa ser observada pelo Brasil uma vez que a perda do controle de infraestruturas estratégicas pode limitar a exploração da também vasta rede de recursos brasileiros. Ressalta-se, a título de exemplificação, a importância do controle da hidrelétrica de Itaipu na fronteira com o Paraguai e Argentina, a qual, bem conduzida, favorece inclusive a defesa brasileira e cuja perda repercutiria de forma catastrófica ao país.

Ainda no estudo das ações econômicas da Rússia, verificamos que o acúmulo de ouro do país a partir de 2018 foi ignorado pela Ucrânia, o qual, acreditava que a dinâmica econômica mundial naturalmente impediria o conflito. Por meio de sua reserva de ouro a Rússia driblou as sanções recebidas, não se sujeitando as oscilações cambiais e garantindo crédito aos seus credores. O acúmulo de ouro e outros bens de aceitação universal indicam o engajamento de um país em um grande projeto, não podendo tal aspecto ser ignorado nas temáticas de defesa brasileira.

O mais evidente dos indícios da preparação russa para o conflito foi a reestruturação, modernização e reequipagem de suas Forças Armadas. Por meio inicialmente de um aporte financeiro considerado a Rússia não só reestruturou e reequipou seu poderio militar como investiu em ciência e tecnologia, a qual, aplicada em sua indústria de defesa lhe tornou autossuficiente para engajar-se no conflito, antecipando as limitações de compra de material de emprego militar que viria a sofrer após a invasão. Nesse escopo, faz-se necessário repensar a política nacional de defesa brasileira, uma vez que essa não contempla de forma eficaz a ampliação da indústria de defesa nacional. Dessa forma, caso ameaçada a soberania brasileira, se a narrativa imposta pelo antagonista for mais palpável para à comunidade internacional, o Brasil teria serias dificuldades em se manter num combate. Além disso, a negligência ucraniana não pode ser desconsiderada, grandes investimentos em defesa são indícios claros de interesses militares, no caso do Brasil o monitoramento deve se estender a todo seu entorno estratégico.

Por fim, os movimentos russos, no nível operacional e tático, no início de 2022, concentrando tropas na fronteira com a Ucrânia, sob o pretexto de exercícios militares, não foram pensados do dia para a noite, não foram sequer feitos em resposta a uma ação ucraniana, foram meticulosamente planejados e executados

estratégica e politicamente durante anos até culminar na invasão. A Rússia se preparou para o combate e deixou indícios disso, os ucranianos ignoraram e demoraram até organizar sua defesa, sofrendo as consequências da sua demora.

A ingenuidade geopolítica ucraniana cobrou seu preço, os indícios estavam lá e foram negligenciados como antes foram na 2ª Guerra mundial e em outros eventos. Ao Brasil cabe manter um olhar atento ao seu entorno estratégico, os indícios estão aí e precisam ser estudados.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Diego da Silva. A Crise na Ucrânia sob uma perspectiva econômica. **Observatório Militar da Praia Vermelha**. ECEME: Rio de Janeiro. 2022.

ARAÚJO, F. **A Dependência Europeia do Gás Russo - Geografia**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/a-dependencia-europeia-do-gas-russo>. Acesso em: 6 set. 2023.

BASTOS, TOMÁS MARTINS PEREIRA, 2022. A difusão dos conceitos da teoria realista das relações internacionais relacionados com a guerra da Rússia-Ucrânia. **Revista do Exército Brasileiro**, v .158, n.2 (2022), pp 27-30.

BELMONTE, G. NIEDEMEIER, 2016. O ressurgimento do Grande Urso. **A Defesa Nacional**, ano CIII, n. 830, 2º quadrimestre de 2016, pp. 30-47

BONET, Pilar. **Putin, un zar entre tormentas**. *El País*, Madrid, 21 jun. 2014. Disponível em:https://elpais.com/internacionl/2014/06/21/actualid/14078546851562.html

CHURCHILL, Winston. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. 1ª ed., V. I. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro.

DE MORAES, Marcio Senne. Kiev deu início tanto à Ucrânia quanto à Rússia. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2611200403.htm>.

ECEME**, Panorama do Conflito da Ucrânia -Nr 02 ***. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://ompv.eceme.eb.mil.br/images/conter/criseru/Panorama_do_Conflito_da_Ucrânia_ Nr002.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2023.

GALBRAITH, J. K. **Anatomia do poder**. 2 e d. ed. Sao Paulo: Pioneira, 1986.

GOULART, Putin se preparou para guerra com muito ouro e pouca dívida | **Radar Econômico**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar-economico/putin-se-preparou-para-guerra-com-muito-ouro-e-pouca-divida>. Acesso em: 7 abr. 2023.

GOREMBURG, New Police Memo: Countering Color Revolutions: Russia's New Security Strategy and its Implications for U.S. Policy **– PONARS Eurasia**. Disponível em: <https://www.ponarseurasia.org/new-policy-memo-countering-color-revolutions-russia-s-new-security-strategy-and-its-implications-for-u-s-policy/>. Acesso em: 6 set. 2023.

KAPLAN, R. **A vingança da geografia**. 1ª edição ed. [s.l.] GEN LTC, 2013.

KONRAD, K. D. V.; LOURENÇÃO, H. J. O conflito na Ucrânia entre 2014 e 2018 e seu impacto na segurança internacional. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 8, p. 12906–12920, 2019.

LIMA, Jean Santos; LIMA, Nathalia Suellen Rodrigues. Crimeia e Além: A Política Externa Assertiva da Rússia e Seus Impasses com o Ocidente | Crimea and Beyond: Russia's Assertive Foreign Policy and Its Impasses with the West. **Mural Internacional**, *[S. l.]*, v. 12, p. e60432, 2021. DOI: 10.12957/rmi.2021.60432. Disponívelem:https://www.e-publicacoes.uerj.br/muralinternacional/article/view/60432. Acesso em: 6 set 2023.

MACKINDER, H. J. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**, v. 23, n. 4, p. 421, abr. 1904.

MANKOFF, Jeffrey. Russian Foreign Policy: **The Return of Great Power Politics**. Maryland:Rowman & Littlefield, 2009.

Maskirovka' is Russian Secret War. **The war is boring**. 26 agosto 2014. Disponível em: Acesso em 29 setembro 2014.

MCCARTHY, S. Análise: China diz que quer paz na Ucrânia, mas é apenas nos termos da Rússia. **CNN Brasil**.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-china-diz-que-quer-paz-na-ucrania-mas-e-apenas-nos-termos-da-russia>. Acesso em: 7 set. 2023.

MARX, Karl. O capital. crítica a Economia Política. **O processo de produção do capital**. Livro 1, Vol 1 e 2. Rio de Janeiro - SP: Civilização Brasileira, [1980] 1890.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: **The Liberal Delusions That Provoked Putin**. Disponivelhttp://www.foreignaffairs.com/articles/141769/john-j-mearsheimer/why-the-ukrainecrisis-is-the-wests-fault> Acesso em 17 set. 2023

MOITA, SANDRO TEIXEIRA. O cenário e as operações militares da Rússia no conflito na Ucrânia. **Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME**: Rio de Janeiro. 2022.
_____Análise de Situação – Crise na Ucrânia. **Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME**: Rio de Janeiro. 2022

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A desordem mundial*: o espectro da total dominação. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2018.

OLIVEIRA, Marcos de. Rússia elevou reservas em ouro em US$ 100 bilhões: Monitor Mercantil. Monitor Mercantil, [S. l.], p. 2, 22 fev. 2022. Disponível em: https://monitormercantil.com.br/russia-elevou-reservas-em-ouro-em-us-100-bilhoes/. Acesso em: 12 jul. 2023.

Putin afirma que doutrina militar continuará sendo defensiva. **Revista Exame** Disponível em: <https://exame.com/mundo/putin-afirma-que-doutrina-militar-continuara-sendo-defensiva/>. Acesso em: 7 set. 2023.

Putin alcanza una cifra récord de popularidad del 88%. **El País**, 13 mar. 2015.

QUEIROZ, I. **O olhar de um soldado brasileiro de dentro da trincheira ucraniana**. Em 9 set. 2023.

RIBEIRO, S. DA S. As ações russas em seu entorno estratégico. **ompv.eceme.eb.mil.br**, 26 set. 2023.

Rússia e Ucrânia: **um resumo da história e do conflito**. Disponível em: <https://novo.org.br/explica/russia-e-ucrania-um-resumo-da-historia-e-do-conflito/>.

Rússia | **Reservas de ouro** | 1993 – 2023 | Indicadores econômicos | CEIC. Disponível em: <https://www.ceicdata.com/pt/indicator/russia/gold-reserves>. Acesso em: 7 out. 2023.

STONE, O.; SZLAK, C. **As entrevistas de Putin**. 1ª edição ed. [s.l.] BestSeller, 2017.

SHAFFER, Brenda. Nagorno-Karabakh After Crimea: How Moscow Keeps the Conflict Alive -- And What to Do About It. In: **Foreign affairs**. 3. Mai 2014 Disponível em: https://www.foreignaffairs.com/articles/armenia/2014-05-03/nagorno-karabakhafter-crimea

STARR, S. Frederick; CORNELL, Svante E. Tactics and Instruments in Putin's Grand Strategy. In: STARR, S. Frederick; CORNELL, Svante E. Putin's Grand Strategy: The Eurasian Union and Its Discontents. Stockholm: **Silk Road Studies Program**, 2014.

TOLEDO, Sara. **Notas sobre o realismo político na guerra russa contra a Ucrânia**. Disponível em Acesso em: 19 março 2

XAVIER, J. R. G. Z. **A política externa da Rússia: O Referendo da Criméia e os efeitos na região do Nagorno-Karabakh**., 2015.